

Mito Grego e Mistério Cristão

Greek Myth and Christian Mystery

Alex Villas Boas¹

CITER / Universidade Católica Portuguesa, Lisboa

alexboas@ucp.pt

ORCID: 0000-0003-2779-1108

Palavras-chave: Mito grego, Mistério Cristão, Narratividade da Experiência, Teologia e Literatura, Hugo Rahner.

Keywords: Greek Myth, Christian Mystery, Narrativity of Experience, Theology and Literature, Hugo Rahner.

O título desta comunicação evoca os 70 anos da publicação do livro do teólogo alemão Hugo Rahner (1900-1968), “Mythes grecs et Mystère Chrétien” de 1954, como versão ampliada de um livro seminal em alemão de 1945 intitulado “*Mitos Gregos em interpretação cristã*” [*Griechische Mythen in christlicher Deutung*]. A mudança do título é significativa e indica a postura assumida de romper com certas tendências que teimosamente permanecem em certos círculos teológicos. A proposta de análise da emergência da obra de Rahner pode ser interessante para uma tarefa em que uma arqueologia do tempo presente passa por identificar o papel da secularização de conceitos teológicos na cultura e na sociedade.

A complexa interpretação cristã dos Mitos gregos

De facto, o título original da obra do teólogo alemão incorria no risco de se perder em um lugar comum das tendências de seu tempo. Ao longo do século XX houve pelo menos quatro tendências a respeito da interpretação da relação entre Cristianismo e Cultura Grega. Uma estava presente na maioria dos manuais de patrologia e advogava uma suposta superioridade do Cristianismo em relação ao Helenismo, tendo por princípio a ideia de uma revelação dogmática geradora

¹ Investigador Principal do CITER – Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião, da Universidade Católica Portuguesa e investigador colaborador no CLLC – Centro de Estudos de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro.

de uma razão cristã, que acabou por inferiorizar a relação visceral dos primeiros cristãos com o pensamento grego, em uma tentativa de apologética identitária que acaba por se degenerar em um isolamento eclesial e uma auto-referencialidade teológica que centra a razão de ser da teologia na ideia de uma revelação exclusivamente cristã. Essa visão do Cristianismo como uma religião que possuía algo a mais, um “*surplus*” em relação as demais religiões, estava presente na perspectiva, por exemplo, do grande teólogo Henri du Lubac (1896-1991), mas destoava da visão de ecumenismo emergente que se fortaleceu na segunda metade do século XX, e uma das razões pelas quais Michel de Certeau se distancia de seu tutor (De Lubac 1946; De Certeau 1982). Em estes dois autores pode se verificar duas tendências de como ambos viam o modo da teologia se relacionar com as disciplinas de Humanidades (Álvarez 2024).

Em reação a esta tendência de um *surplus* cristão, emerge uma interpretação antirreligiosa do mito de inspiração iluminista, que resultou na tentativa de dissociar a filosofia da religião grega, elemento esse que era visceral à ideia de cultura grega, e que se apresenta como uma certa herança positivista de uma evolução do pensamento do mito para a filosofia, sendo um dos grandes representantes dessa corrente, especialmente francesa, o historiador Jean Pierre Vernant (1914-2007). Adotado massivamente nos cursos de filosofia, corroborava assim para o distanciamento da filosofia em relação à literatura clássica (Vernant 1965). Resulta deste processo em uma disputa pela interpretação da filosofia clássica, vista por um lado como a emergência de uma razão que teria rompido com a escuridão dos mitos eminentemente religiosos, e por outro lado a mesma filosofia clássica era evocada como fonte primária da metafísica, que alcançaria seu desenvolvimento pleno na releitura cristã dos clássicos Platão e Aristóteles como matriz intelectual da criação da universidade europeia. Jacques Maritain (1882-1973), por exemplo, identificava na noção cristã de revelação uma «*révélation génératrice de raison*» que conferiria à chamada filosofia cristã, uma retórica de superioridade, que resultou em um distanciamento da filosofia do século XX em relação à teologia (Maritain, 1932, p. 166).

Uma terceira tendência se verifica na proposta de uma leitura histórico crítica da Patrística que visava romper com essa pretensão de superioridade, e incidiu em enfatizar a influência do helenismo nos autores cristãos patrísticos desde uma *História do Dogma*, como é a proposta do *Manual de História do Dogma* [*Lehrbuch der Dogmengeschichte*, 1886-1890] de Adolf von Harnack (1851-1930). Essa tendência abriu espaço para importantes manuais e estudos de patrologia na segunda metade do século XX a focalizar o contexto intelectual do surgimento dos primeiros autores cristãos sem pretensões de superioridade, próprias da narrativa do regime de Cristandade em crise. Dois movimentos se desdobram desta postura, uma tendência de análise do desenvolvimento semântico dos dogmas e como estes captam o espírito helenista de seu tempo, que pode ser identificado em trabalhos como *Les grandes doctrines chrétiennes* de Régis Jolivet (1941), *Saint Augustin et la fin de la culture antique* de Henri-Irénée Marrou (1904-1977), o *Lehrbuch der Patrologie*, de Humberto Drobner (1994), *Manuale di Letteratura Cristiana Antica Greca e Latina*, de Claudio Moreschini e Enrico Norelli (1995) e *Storia della filosofia patristica*, de Moreschini (2004), *Histoire des Dogmes* (Vol. 1-3), organizado

por Bernard Sesboüé (1994). Contudo, a partir do mesmo método histórico crítico, chega-se a conclusões muito distintas como a de Rudolf Bultmann que julgava ser necessário demitologizar o Cristianismo em *Kerygma und Mythos* (1948), como forma de depurar um suposto helenismo tido como responsável por uma certa decadência do Regime de Cristandade.

Por fim, outra tendência ainda na primeira metade do século XX, era de dar visibilidade a um diálogo existente entre autores cristãos e helênicos, desde a perspectiva de autores religiosos ou não, mas que se consagraram como helenistas. Estes, diferente da postura de superioridade que acabou por isolar os autores cristãos no âmbito eclesial, por sua competência em estudos helenistas, acabam por reinserir a pertinência dos autores cristãos antigos na identificação de uma semântica comum do pensamento grego e latino e cristão. Incorre-se no risco, contudo, de uma leitura do cristianismo como mera amálgama de elementos clássicos, seja como identificação de elementos comuns de uma *paideia* helênica e uma *paideia* cristã, como é o caso de Werner Jaeger (1888-1961) em sua *Early Christianity and Greek Paideia* (1961), na continuação de sua obra fundamental *Paideia: Die Formung des griechischen Menschen* (1933), seja como apropriação de exercícios espirituais ou *askésis* como é o caso de Pierre Hadot (1922-2010), em *Exercices spirituels et philosophie antique* (1981) e Michel Foucault (1926-1984), especialmente em *L'herméneutique du sujet*, curso dado no Collège de France em 1981-1982 e publicado posteriormente (2001). Suas análises sobre a constituição da subjetividade religiosa e a *hermenêutica do sujeito* permite recontextualizar a articulação entre mito e mistério como dispositivos de formação do sujeito ético na Antiguidade Tardia. Esta articulação não se esgota no paralelismo entre narrativas míticas e dogmas cristãos, mas envolve uma rede de práticas, discursos e instituições que constroem experiências do sagrado.

Pode-se considerar uma reação a isso, a leitura analítica que Paul Ricoeur faz dos mitos em relação à narrativa bíblica, ao tentar desvelar um elemento propriamente cristão, de modo a incidir particularmente na relação entre *pathos* grego e *pathos* bíblico, em que o primeiro pode ser visto como ambiente de busca de um *logos* a um desejo confuso, e o segundo veria no *pathos*, uma empatia ética com quem sofre, e no desejo de justiça brotaria o *pathos* divino. Não deixa de ser, contudo, uma reativação da antiga tentativa de superioridade cristã.

Nesse contexto, importa considerar como a leitura de Rahner se insere num campo mais amplo de interpretações modernas da relação entre mito, literatura e teologia, abrindo possibilidades de literacia literária para o campo da teologia, bem como possibilitando uma literacia teológica para o estudo dos clássicos.

Tal abordagem do jesuíta austríaco é convergente com o movimento de uma leitura hermenêutica do mito em chave literária, tal como desenvolvida por Erich Auerbach (1892-1958) em *Mimesis* (1946), que oferece ferramentas valiosas para compreender a ressonância narrativa entre os mitos gregos e as Escrituras cristãs, enfatizando não apenas temas comuns, mas modos de representação que revelam diferentes regimes de sentido. Nesse mesmo propósito, autores como Walter Bauer (1877-1960) em *Rechtgläubigkeit und Ketzerei im ältesten Christentum* (1934), bem como Hans-Joachim Schoeps (1909-1980) em *Theologie und Geschichte des Judentums* (1949) também visavam fornecer interpretações críticas

que ajudariam a situar a pluralidade das origens cristãs e a complexa interação com o helenismo, afastando-se de uma leitura homogênea da tradição. A esse quadro, por exemplo, dá continuidade a pesquisa recente de Michel Fédou (1952 -), como em *La littérature grecque d'Homère à Platon* em que ensaia uma teologia da cultura nos clássicos gregos, e que aprofunda a articulação entre a figura de Jesus Cristo e estruturas míticas gregas no contexto da formação dos dogmas, conforme reunido em sua obra *La Voie du Christ* (2006, 2013, 2016). A literatura recente também reforça esse diálogo, como mostram as contribuições de Hugh Bowden em *Mystery Cults in the Ancient World* (2023) e de Esther Eidinow, Julia Kindt e Robin Osborne em *Theologies of Ancient Greek Religion* (2016).

Mito grego e Mistério Cristão em Hugo Rahner

Neste contexto bipolarizado entre a valoração dos mitos gregos e a teologia cristã, se destaca a obra do jesuíta Hugo Rahner (1900-1968), um renomado patrólogo da Universidade de Innsbruck, Austria, e irmão do famoso teólogo Karl Rahner. O patrólogo assume a tendência a um diálogo mais próximo entre autores cristãos e helênicos, de modo a tentar perceber como diferentes tradições culturais podem se entrelaçar e influenciar-se mutuamente na formação da espiritualidade de uma época, como estrutura de busca de sentido e produção de saberes.

Rahner parte de dois conceitos basilares de ambos os elementos a serem investigados, nomeadamente a noção de mito grego e de mistério cristão, que viriam a assumir o título da obra, a destacar a ênfase que distinguiria seu trabalho dos demais. Neste contexto de disputa de primazia cultural, ele introduz a ideia de que os mitos gregos não são simplesmente histórias antigas, mas sim narrativas que expressam verdades profundas sobre a condição humana e aquilo que se concebeu como natureza do divino.

Argumenta o patrólogo que, embora o cristianismo seja uma religião distinta, ele emerge em um contexto cultural onde os mitos gregos já desempenhavam um papel significativo na compreensão do mundo. O autor explora a ideia de que muitos dos temas e arquétipos encontrados nos mitos gregos também estão presentes na teologia cristã, embora com diferentes significados e interpretações. Ele sugere que a emergência do Cristianismo no mundo grego acabou por gerar uma câmara de eco em que longe de eliminar a significação profunda dos mitos gerou uma rica ressonância entre os mitos antigos e os mistérios da fé cristã, e que essa interseção pode enriquecer tanto a compreensão dos mitos gregos quanto da teologia cristã, sem que precisem disputar uma primazia, uma vez que seja depurada das teologias políticas que não raro as mobilizaram para fins hegemônicos.

A abordagem do jesuíta austríaco é praticamente de analisar como a ideia de Mistério tão cara aos primeiros autores cristãos se desdobra da concepção grega desta categoria, e consequentemente identifica uma relação entre a alegoria homérica e o símbolo cristão, e consequentemente, entre mito e dogma.

A noção de “mistério”, central à proposta do autor austríaco, aproxima-se das reflexões de Louis Bouyer (1913-2004) em *Le mystère chrétien et la mystique païenne* (1951), para quem o mistério cristão é inseparável da mediação simbó-

lica e litúrgica da experiência salvífica. Hugo Rahner e Louis Bouyer oferecem contribuições fundamentais, mas diferentes, para o estudo das relações entre os mitos gregos e o mistério cristão. Ambos rejeitam uma oposição simplista entre Cristianismo e paganismo, mas partem de pressupostos distintos e operam em níveis diferentes de análise.

Bouyer parte da noção do *mysterion* paulino como o centro revelador da economia salvífica de Deus. Sua obra propõe uma leitura teológica integrada que percorre desde os cultos de mistério pagãos até a mística cristã. Bouyer está interessado em mostrar a especificidade do mistério cristão como evento de salvação revelado na Cruz de Cristo, contrapondo-o tanto à racionalidade grega quanto à experiência mística genérica. A influência de Dom Odo Casel é central para Bouyer, ao pensar o Cristianismo como *mystery religion*, mas sua originalidade está em vincular essa estrutura litúrgico-salvífica a uma mística de união pessoal com Deus. Bouyer defende que o verdadeiro sentido do mistério cristão se revela plenamente na experiência espiritual — sacramental e transformadora — do sujeito eclesial, em continuidade com a tradição paulina e patrística, mas ultrapassando qualquer paralelismo simplista com os cultos pagãos.

Rahner, por outro lado, está centrado sobretudo na recepção e transformação simbólica dos mitos helênicos pelos primeiros autores cristãos, em particular os Padres da Igreja. Sua abordagem é histórica e hermenêutica, buscando mostrar como elementos do imaginário grego — como os arquétipos homéricos, a linguagem simbólica e os exercícios espirituais — foram reinterpretados pela teologia cristã nascente. Rahner adota uma perspectiva teológico-cultural que se distancia tanto do reducionismo comparatista quanto de uma leitura puramente apologética. Para ele, o “mistério” cristão não é derivado dos mitos, mas ressoa com eles em um nível antropológico e simbólico profundo, como resposta à busca humana de sentido. Sua metodologia destaca a *adaptação* e não a *derivação*, com destaque para autores como Clemente de Alexandria, que traduziam os símbolos do helenismo em chave cristã sem descaracterizá-los.

Em síntese, Bouyer articula o mistério cristão à experiência espiritual e litúrgica, ancorando-se mais firmemente na exegese paulina e na mística cristã como manifestação única e insubstituível da salvação, ao passo que Rahner privilegia uma leitura simbólica e histórica da apropriação cristã dos mitos, com foco na cultura helênica e na patrística. Ambos convergem ao defender que o cristianismo não se reduz nem se opõe completamente aos mitos, mas os transfigura. A diferença está em que Rahner acentua o aspecto da *narrativa simbólica cultural*, enquanto Bouyer valoriza a *vivência teológica mística* dentro da tradição cristã. Nesse sentido, a obra de Rahner permitiu um diálogo mais próximo com a literatura clássica, acentuando a metamorfose da semântica teológica cultural grega com a recepção do Cristianismo.

Para Rahner, *mistério* não se refere apenas a algo inexplicável ou sobrenatural, mas sim a uma realidade profunda e transcendente que está além da compreensão humana ordinária, e demanda um desejo de busca que resulta na transformação do ser. Ao correlacionar mito e dogma, a ênfase se desloca da ação divina que teria comunicado uma verdade absoluta, para noção compartilhada de desvelamento de sentido na condição de busca humana de significação de sua condição.

Rahner explora como os mitos gregos e o mistério cristão compartilham essa ideia de uma realidade oculta que pode ser revelada através de símbolos, rituais e narrativas sagradas mediante a interação da busca. Ele argumenta que os mitos gregos muitas vezes expressam verdades profundas sobre a condição humana e a natureza do divino como meta dessa busca através da interação com as mediações simbólicas e ritualísticas, que serviriam de exercício mistagógico. Nesse sentido, apesar da diferença fundamental em que a natureza do processo de desvelamento de sentido é centralizada na figura de Jesus Cristo, e nos mistérios pagãos, a revelação pode ser mais difusa e variada, há uma ressonância de sentido entre arquétipos e símbolos que podem ser identificados como elementos compartilhados de Narrativas de transformação, Terapêutica da Alma e Caminhos de Redenção. Prometeu, Dionísio e Deméter podem ser vistos em ressonância com a centralidade narrativa de Jesus Cristo com conceitos cristãos análogos de sacrifício, ressurreição e redenção. Nessa interação, por exemplo, pode-se ajudar a evidenciar a dimensão dionisíaca de Jesus, como participante de festas, banquetes, marcado pela *eutrapelia*, traduzido pelos medievais, mais próximos dos clássicos que os puritanos, como *homo ludens*.

Conclusão: repercussões literárias de uma obra teológica

Nesse sentido, para Rahner essa aproximação positiva do Helenismo valoriza um elemento comum do humanismo clássico com o humanismo cristão, concebida como uma espécie de primeiro testamento, que não substitui o primeiro, mas gera uma variação enriquecedora, que, contudo, consolida a noção contemporânea de dignidade humana, basilar a uma sociedade plural. Rahner vê na redação do mito, o mesmo processo de consolidação de uma sabedoria vivenciada por um povo, e captada de maneira magistral pela pena do autor-poeta, um teólogo, tal qual se dá na redação dos textos bíblicos, e portanto, mito é fundamental para a compreensão da noção de mistério no Cristianismo primitivo. É aqui que o jesuíta austríaco valoriza Homero como “grande mestre de sabedoria” e seu poema como quintessência da “arte de viver eticamente”, resgatando-lhe o título que Erasmo de Rotterdan o conferiu de “Santo Homero” (*Heiliger Homer*) e passa a falar de sua personagem protagonista como o “Santo Ulisses” (*Heiliger Odysseus*), como interlocutor da figura messiânica de Jesus Cristo (1945, pp. 347-367). Nesse sentido, o Ulisses da Odisseia, pela sua filo-atenia, em que a mediação de Zeus e o herói é exclusiva de Atenas, decide romper com a teologia política dos deuses que fazem dos homens meros brinquedos de seu bel prazer. O Santo Ulisses ajudaria a ver em Jesus, uma teologia que rompe com a teologia hegemônica de um panteão. E Jesus Cristo ajudaria a evidenciar em Ulisses a autenticidade de dar a vida por aquilo que é mais caro ao coração, e de desvelar a verdadeira natureza do divino, a amizade com a humanidade.

Referências bibliográficas

Álvarez, C. (2024). *Henri de Lubac et Michel de Certeau: Le débat entre théologie et sciences humaines au regard de la mystique et de l'histoire*. Paris: Éditions du Cerf.

- Auerbach, E. (1946). *Mimesis: Dargestellte Wirklichkeit in der abendländischen Literatur*. Bern: A. Francke AG Verlag.
- Bauer, W. (1934). *Rechtgläubigkeit und Ketzerei im ältesten Christentum* (Beiträge zur historischen Theologie, Band 10). Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck).
- Bouyer, L. (1951). *Le mystère chrétien et la mystique païenne*. Paris: Cerf.
- Bowden, H. (2023). *Mystery Cults in the Ancient World*. New York: Thames & Hudson Inc.
- Eidinow, E., Kindt, J., & Osborne, R. (2016). *Theologies of Ancient Greek Religion*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bultmann, R. (1948). *Kerygma und Mythos: Ein theologisches Gespräch*. Hamburg: Herbert Reich Evangelischer Verlag.
- De Certeau, M. (1982). *La fable mystique: XVIe-XVIIe siècle*. Paris: Gallimard.
- De Lubac, H. (1946). *Surnaturel: Études historiques*. Paris: Aubier.
- Drobner, H. R. (1994). *Lehrbuch der Patrologie*. Freiburg im Breisgau: Herder.
- Fédou, M. (2006). *La Voie du Christ. I: Genèses de la christologie dans le contexte religieux de l'Antiquité du IIe siècle au début du IVe siècle*. Paris: Cerf.
- Fédou, M. (2013). *La Voie du Christ. II: Développements de la christologie dans le contexte religieux de l'Orient ancien: d'Eusèbe de Césarée à Jean Damascène, IVe – VIIIe siècle*. Paris: Cerf.
- Fédou, M. (2016). *La Voie du Christ. III: Évolutions de la christologie dans l'Occident latin: d'Hilaire de Poitiers à Isidore de Séville, IVe – VIIe siècles*. Paris: Cerf.
- Fédou, M. (2019). *La littérature grecque d'Homère à Platon: Enjeux pour une théologie de la culture*. Bruxelles: Lessius.
- Foucault, M. (2001). *L'herméneutique du sujet: Cours au Collège de France (1981-1982)*. Paris: Gallimard/Seuil.
- Hadot, P. (1981). *Exercices spirituels et philosophie antique*. Paris: Études Augustiniennes.
- Harnack, A. von. (1886-1890). *Lehrbuch der Dogmengeschichte* (3 vols.). Freiburg: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck).
- Jaeger, W. (1933). *Paideia: Die Formung des griechischen Menschen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- Jaeger, W. (1961). *Early Christianity and Greek Paideia*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Jolivet, R. (1941). *Les grandes doctrines chrétiennes*. Paris: Bloud & Gay.
- Maritain, J. (1932). De la notion de philosophie chrétienne. *Revue néo-scholastique de philosophie*, 34, 153-186.
- Marrou, H.-I. (1958). *Saint Augustin et la fin de la culture antique*. Paris: Éditions de Boccard.
- Moreschini, C. (2004). *Storia della filosofia patristica*. Casale Monferrato: Piemme.
- Moreschini, C., & Norelli, E. (1995). *Manuale di Letteratura Cristiana Antica Greca e Latina*. Brescia: Morcelliana.
- Rahner, H. (1945). *Griechische Mythen in christlicher Deutung*. Salzburg: Anton Pustet.
- Rahner, H. (1954). *Mythes grecs et mystère chrétien* (H. Voirin, Trad.). Paris: Payot.
- Schoeps, H.-J. (1949). *Theologie und Geschichte des Judentums*. Tübingen: Mohr.
- Sesboué, B. (Ed.). (1994). *Histoire des Dogmes* (Vol. 1-3). Paris: Desclée.
- Vernant, J.-P. (1965). *Mythe et pensée chez les Grecs*. Paris: François Maspero.

Resumo

O presente texto visa apresentar como a relação entre mito e a narratividade da experiência cristã associada a questão do Mistério de Deus teve diferentes formas de interpretação na contemporaneidade. Tal diferença ora aproxima, ora distancia tais elementos de narratividade. Um obra de grande importância é precisamente «Mythes grecs et Mystère Chrétien», como ficou mais conhecida em sua versão francesa, de Hugo Rahner de 1945. Contudo, as diversas formas de relacionar mito e cristianismo, assim como mito e racionalidade acabam por obnubilarem a contribuição da obra do jesuíta austríaco, que pretende-se resgatar aqui algumas de suas importantes intuições.

Abstract

This text aims to present how the relationship between myth and the narrativity of the Christian experience associated with the question of the Mystery of God has had different forms of interpretation in contemporary times. This difference sometimes brings together and sometimes distances these elements of narrative. A work of great importance is precisely Hugo Rahner's "Mythes grecs et Mystère Chrétien", as it became better known in its French version in 1945. However, the various ways of relating myth and Christianity, as well as myth and rationality, end up obfuscating the contribution of the Austrian Jesuit's work, which is why the aim here is to recapture some of his important insights.